



Tentar estar ainda no Teatro

Ricardo Pais

Meio Corpo é um ritual para um conjunto de coristas, atravessado por histórias e dramas que cada um inventa e dita para um livro... que se apaga de imediato. Não há aqui o desenho ou a coerência de uma personagem dramática de qualquer tradição. O jogo não é de espelhos. Cada um fala de si como quem fala de um desconhecido. Todas as “personagens” são instâncias permutáveis, peças de um mecanismo musical onde as palavras pesam tanto como as notas da música ao vivo ou o som encantatório da voz de uma espécie de Big Sister, sensual, neutra e dominadora, motor de busca e identificação da vida e das fantasias de todos.

O Teatro não se substitui ao romance. As histórias tropeçam umas nas outras, travestizam-se até ao irreconhecimento, desafiam o conforto da “narração”. O próprio cenário é a caixa de música de um Portugal dos pequenitos, concentracionário, vigiado. Abre-se ao público para um obsoleto evento sociocultural e educativo. Passam-se rasteiras às idiossincrasias da literatura e das escritas. Anuncia-se, num corpo meio amputado, a morte ou a irrisão de tudo. Mas como tudo se passa na proferição pública de palavras, estamos ainda no Teatro – ele próprio irrisório, insignificante em alguma da sua pompa, mas desejadamente hipnótico.

Este espectáculo dá a Segurança Social por adquirida; aceita a devassa catastrófica do sistema informático universal e a placitude militante da vida recriada pela Arte. Enfim, acredita cinicamente numa “beleza” democraticamente totalizadora e, portanto, condenável.

Lisboa, 2 de Março de 2015

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.





De corpo inteiro... – a história

Ensemble – Sociedade de Actores

O que mais nos agrada quando pensamos um novo espectáculo é a confirmação de ser sempre um acto de extraordinária liberdade, que surge invariavelmente de uma desmesurada paixão partilhada com todos os outros cúmplices. Ao longo destes (já!) quase vinte anos, a circunstância de sermos actores e produtores no Ensemble tem-nos permitido o grato exercício de intérpretes privilegiados do objecto artístico: porque o acto de produção se liga umbilicalmente ao acto criativo e as fronteiras se desvanecem, o texto, a encenação, o cenário e os figurinos, a luz, a música e a interpretação configuram-se como lugar de encontro de ideias, impulsos, vontades e talentos. *Meio Corpo* é, todo ele, inteiro, feito assim de velhos e novos cúmplices.

Tudo começou em meados de 2014 com um telefonema ao Ricardo Pais – esse inigualável poeta da cena com quem já tardava o reencontro, depois de um *Hamlet* absolutamente memorável que fizemos com ele em 2002 e que foi visto por mais de 26

mil espectadores! Depois de termos visto e admirado o seu *al mada nada*, desafiámo-lo para uma encenação no Ensemble que partisse duma “não-dramaturgia” onde todas as possibilidades fossem afirmadas e todas as loucuras bem-vindas. Quem o conhece não se surpreende que o Ricardo tenha começado imediatamente a “fervilhar” de ideias... e, logo ali, avançou com a sugestão de que fosse o Jacinto Lucas Pires a escrever esse texto. E essa foi uma coincidência muito curiosa: o Jacinto fazia parte do grupo de três dramaturgos que tínhamos convidado a escrever para nós durante o quadriénio 2013/2016. Pedimos, então, ao Jacinto que antecipasse para 2015 essa colaboração, o que ele aceitou de imediato. Mais tarde, a partir de *Igual ao Mundo* do Jacinto, o Ricardo cria a versão cénica a que deu o nome de *Meio Corpo*.

Outra coincidência extraordinária foi o facto de o CCB querer apresentar no seu espaço um espectáculo do Ricardo e de nós querermos, de alguma forma, compensar a Fundação pelo

cancelamento do nosso *Macbeth* (previsto para estrear em Abril de 2014 e que, infelizmente, não chegou a acontecer devido à morte do nosso querido Alvaro García de Zúñiga). Juntámos, portanto, vontades e tornámo-nos parceiros co-produtores e a data de estreia ficou marcada: 7 de Março de 2015, no CCB. Por esta altura, já contávamos também com os apoios absolutamente fundamentais do Teatro Nacional São João e do Teatro Viriato.

O passo seguinte foi de sedução! Chamámos a nós velhos amigos e artistas únicos: o Pedro, o Ricardo e o Bernardo, o Rui, o Joel e o Manuel e um elenco de actores maravilhosos, o João, o Parra, o Simão e o Luís, velhos e novos colegas e amigos que admiramos muitíssimo.

Assim, quase sem darmos por isso, este nosso *Meio Corpo* não podia ser mais inteiro: nasceu com alma e coração...

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



Rembrandt – A Aula de Anatomia do Dr. Tulp

Correspondência electrónica para um elenco analógico

Nicolau Pais*

----- Mensagem encaminhada -----

De: Nicolau Pais

Para: undisclosed recipients

Assunto: **Corpos de Aço, Almas de Borracha**

Data: 21 de Fevereiro de 2015

*They'll split your pretty cranium,
and fill it full of air
And tell that you're eighty, but brother,
you won't care;
You'll be shooting up on anything,
tomorrow's neverthere
Beware of the savage jaw of 1984*

David Bowie, "1984" (in *Diamond Dogs*, 1974),
a partir da obra homónima de George Orwell

Meus Caros Ex-Colegas,

Folgo em saber que continuamos a fazer vinho a partir da água. Surpreende ver todo o elenco perfeitamente pousado nos seus próprios corpos, com o texto a fluir bem, toda a gente apropriada do seu pedaço, mesmo que ainda

não haja outra luz que não a da sala de ensaios. Ouve-se tudo muito lúcido e no melhor género "iconográfico-performativo" – um género que essa ciência inexacta que é o so-called Teatro Português tanto procura, sem achar.

Corpos de Aço

Sem querer usar do facho da autoridade omnisciente, tão útil aos desprovidos de qualquer talento que não o da liturgia sindicada, permitam-me umas divagações breves sobre onde se pode inscrever este pedaço de Lucas Pires. Ou melhor, aquilo que noto ser a possibilidade de inscrição que a encenação confere ao texto e, portanto, as linhas de inspiração que nos possam guiar, público e actores, até à pira final, a estreia:

– Esta é uma distopia orwelliana poeticamente parecida com a disfunção espaço-tempo de *Escrever, Falar* [2001] ou *Figurantes* [2004]. Não digo isto só por causa da personagem da Senhora, também ela omnisciente, mas – felizmente – talentosa. Na emissão deste texto há um certo desamparo que ilude as unidades de tempo e espaço, o que não só o retira do potencialmente "clássico" como estimula – como a edição, em cinema – o receptor. É um pouco como nos filmes de terror ou qualquer outro formato (redes sociais incluídas) que peça a todos nós um tanto de curiosidade mórbida. Mas cuidado: a curiosidade matou o gato, e deve ser vista como circunstância, não como motivo e tão-pouco "acção".

– O Jacinto é um autor romântico, ou melhor, do Romântico. Amor e Morte pairam

por todo o lado, a história de um homem e os seus fragmentos servem de poema sobre toda a civilização. Há um desassossego nocturno que universaliza a pulsão individual, fazendo dela drama colectivo. Do que me é dado a perceber pela versão que vi "performada" ontem, *Meio Corpo* mantém uma espécie de vontade de conhecimento do espírito de tal forma aguda que entra pela carne, dissecando-a. Há um fascínio pelo organismo-alma que leva o autor pelo corpo dentro, como "a grande ferida no centro" que trazia a personagem do *Escrever, Falar* ou – em registo mais cómico – "os cabelos que crescem para dentro" do Careca do *Arranha Céus* [1999].

– Há no Jacinto uma vontade constante, científica e irrealizável, de iluminar, de racionalizar a dor. É isso que faz dele um autor eminentemente trágico, esse desembocar de todas as angústias na comiseração (como na Tragédia Grega). Do ponto de vista da sensualidade dos corpos, esse é o motor transcendente, ora mórbido, ora *naïve*. É um fascínio que vem de um traço iluminista, de uso da razão como forma de elevar o individualismo e o cepticismo a formas progressistas de pensamento; é "de escola" que a natureza coral da performance serve muito bem esse propósito dramático.

Almas de Borracha

Ora, é precisamente por este lado que eu acho que isto pode e deve crescer. Estive a analisar *A Aula de Anatomia do Dr. Tulp* de Rembrandt. A encenação do quadro é do melhor que há, na forma como toda aquela gente se debruça

sobre o Mestre Omnisciente, o médico da autópsia. O cadáver é de um criminoso, e o quadro não tem sangue, já que o ritual da autópsia incluía a figura de um “preparador”, alguém que trabalhava o cadáver para ser “desmontado”. Ah, e porque, como é sabido, os mortos não sangram.

Esta vossa distopia seria magnificamente servida se cada um dos actores pudesse debruçar-se um pouco mais sobre esta linha de tensão que está entre o deslumbre pela exploração anatómica – o conhecimento científico – e a rendição à onisciência autoritária da Senhora – o conhecimento empírico, factual, fútil, estatístico como as Finanças.

No Romantismo, movimento-pai de todos os dramas modernos, o conhecimento científico do Iluminismo servia precisamente para afrontar a autoridade colectiva e consubstanciar o direito à individualidade, ao laicismo e ao livre-arbítrio. Se este sentido de Destino for acrescentado à acção, então a descida da Senhora enquanto autoridade demiúrgica ou *deus ex-machina* ganhará a força que o autor me parece querer encontrar nela, desde as primeiras linhas do texto. E o dilema será, então, resolvido. Porque há coisas que não resolvemos sem deuses ou fé, superstição, “muita merda”, ou como lhe quiserem chamar.

O aspecto *dominatrix* da Senhora tem de crescer desta tensão, mais do que da vulgaridade sado-masoch. Há um lado mórbido em tudo isto que cada um terá de afrontar em si mesmo, fugindo de um certo *cliché* imaturo em resolver o desconforto sensual do texto todo apenas pela personagem feminina.

A estética final deveria ser um pouco como o frágil-absurdo dos bocados de corpos que se fazem em cera para levar a Fátima, para pedir ao Senhor que nos traga de volta o bracinho que o neto perdeu. O espectáculo parece já ter encontrado e explorado esse sentido da pequena diferença entre “corpo” e “adereço”. Uma distopia é o oposto de uma utopia – enquanto a utopia é um sonho de paz e irmandade, a distopia é um futuro pesadelo impronunciável, pior do que qualquer presente.

Junto o quadro do Rembrandt, talvez uma das mais eloquentes apologias da curiosidade como último reduto da condição e génio humanos. “Utopia”: termo cunhado por Thomas More, derivado do Grego *ou-topos*, de significado deliberadamente ambíguo: “terra de nenhures” ou “mundo melhor”.

Despeço-me até à estreia; que os espíritos lúcidos do anglo-saxonismo – holandeses, alemães, ingleses ou mesmo tripeiros! – nos complementem a imaginação latina.

*He's a real nowhere man
Sitting in his nowhere land
Making all his nowhere plans
For nobody*

The Beatles, “Nowhere Man” (in *Rubber Soul*, 1965)

Nicolau

----- Mensagem encaminhada -----

De: Nicolau Pais
Para: undisclosed recipients
Assunto: (meia) alma sã em (meio) corpo são
Data: 8 de Março de 2015

Meus Caros,

É com o espírito das cinzas, que inevitavelmente temos de enfrentar depois da festa da carne, que a vós me dirijo; e que bela foi a festa de ontem. Isto do teatro tem esta chatice, que é o efémero. Como se não bastasse estarmos sempre de luto pelo cão, pelo gato, ou mesmo por um qualquer ente querido.

O CCB, esse colossal *páteo* andaluz, foi ontem premonitoriamente banhado por um calor nocturno só possível em países do sul, como Lisboa; até São Pedro esteve à altura dos seus nobres propósitos, portanto.

Suponho que este pedaço de tempo acelerado só tenha a ganhar com as restantes récitas; aguardo serena e religiosamente pela sua apresentação no meio do granito teutónico do Porto, lá mais para a altura da vindima. Nessa altura, tirarei a limpo o que parece já quase certo: ganhámos todos mais um texto – não é coisa de somenos.

Não me tinha ocorrido – e ainda bem, senão não era Teatro, era “só” literatura – que o espectáculo pudesse consagrar, de alguma forma, os meus delírios sobre o período Romântico e os seus solavancos introspectivos universais; pensei que estava só a falar para os bonecos, os actores, essa tribo inominável de gente incógnita. Mas não – pelo sobressalto provocado pelo som, pela luz e, sobretudo, pela forma como hiperbolizam o espaço como desenho do drama, também nós, o público, temos direito a sofrer deliciosamente com as letras. Foi isto que o Nietzsche e o Wagner designaram de *Gesamtkunstwerk*, uma “obra das artes todas”. Nós, comuns mortais, chamamos a isto “um espectáculo do caraças”.

Beijos a todos; cuidem-se, para não se verem gregos. Lembrem-se sempre do clássico adágio: (meia) alma sã em (meio) corpo são.

Já estou a puxar para a piadinha seca: ainda estou com os copos da festa! Hips...

Nicolau

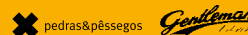
* Ex-actor, professor, músico e colaborador do *Jornal de Negócios*.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

ficha técnica TNSJ
coordenação de produção
Maria João Teixeira
assistência de produção
Eunice Basto
direção de palco
Rui Simão
Emanuel Pina (adjunto)
direção de cena
Cátia Esteves
luz
Abílio Vinhas
Adão Gonçalves
José Rodrigues
Nuno Gonçalves
maquinaria
Carlos Barbosa
som
João Oliveira
Joel Azevedo
vídeo
Fernando Costa

Ficha Técnica Ensemble
construção e montagem de cenário
Tudo Faço

apoios TNSJ



SÃO JOÃO

apoios à divulgação



ANTENA 1 = ANTENA 2 =

O Ensemble – Sociedade de Actores é uma estrutura financiada por



agradecimentos TNSJ
Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Ensemble – Sociedade de Actores
Rua Carlos Manuel de Amorim
Gomes, n.º 25
4475-088 Aviovo (St.ª Maria)
T 22 982 63 18 · TM 96 513 55 58
www.ensembleactores.com
ensemble@sapo.pt

Teatro Carlos Alberto
Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

Edição
Departamento de Edições do TNSJ
coordenação Pedro Sobrado
design gráfico Studio Dobra
fotografia João Tuna
impressão Empresa Diário
do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espectáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Meio Corpo

um espetáculo de

Ricardo Pais

pelo

Ensemble – Sociedade de Actores

versão livre de *Igual ao Mundo*

de **Jacinto Lucas Pires**

encenação

Ricardo Pais

cenografia

Pedro Tudela

figurinos

Bernardo Monteiro

música

Ricardo Pinto

desenho de luz

Rui Simão

desenho de som

Joel Azevedo

assistência de encenação

Manuel Tur

interpretação

Emília Silvestre

Jorge Pinto

João Castro

Luís Araújo

Simão Do Vale

António Parra

e **Ricardo Pinto**

coprodução

Ensemble – Sociedade de Actores

Centro Cultural de Belém

Teatro Viriato

TNSJ

estreia **7 Mar 2015** CCB (Lisboa)

dur. aprox. **1:30**

M/12 anos

Teatro Carlos Alberto

18 set – 4 out 2015

qua 19:00 qui-sáb 21:00 dom 16:00

O TNSJ É MEMBRO DA



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



UNIOE TEATROS EUROPA



ensemble
SOCIETY OF ACTORS



CCB



teatroviriato